

Bakhtin/Ducrot: contribuições à análise do discurso / *Bakhtin & Ducrot: contributions to discourse analysis*

*Maria Cristina Ramos Borges**

*Sérgio Nunes de Jesus***

RESUMO

Este artigo faz uma abordagem das noções de enunciado e enunciação que são retomadas a partir da perspectiva discursiva nas bases teóricas de Bakhtin e Ducrot revistas nos estudos da linguagem pelas Teorias da Enunciação e pela Análise do Discurso. Observa a forma interpretativa que se desdobra no locutor como figura enunciativa da polifonia, bem como a reflexão da dialogia bakhtiniana que divide a unidade do enunciado linguístico. Desse viés, duas sequências discursivas foram utilizadas como análise dialógica do discurso a fim de evidenciar as relações teóricas entre os autores que estabelecem a historização do sujeito do discurso no limiar da língua(gem)

PALAVRAS-CHAVE: Bakhtin; Ducrot; Relações

ABSTRACT

This article deals about the enunciation's notions that are taken from the discursive perspective under the theoretical bases of Bakhtin and Ducrot reviewed in the language studies through by Enunciation Theories and by the Discourse Analysis. Besides, it observes this situation in an interpretative way and shows the announcer like an enunciative character of the polyphony and the reflection of Bakhtinian dialogism that divides the unity of the linguistic utterance. From this point of view, two discursive sequences were used as a dialogical analysis of discourse in order to show the theoretical relationships between the authors who establish the historicizing of the subject's speech at the threshold of language.

KEY-WORDS: Bakhtin; Ducrot; Relationships

*Professora da Universidade Federal de Rondônia – UNIR, Rolim de Moura, Rondônia, Brasil; cristinarb9@hotmail.com

**Doutorando em Letras pelo pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil; sergiocanibal@hotmail.com

Introdução

Breve noção

As noções de enunciado e enunciação ganham lugar de destaque nas mais diversas concepções dos estudos da linguagem. Na verdade, existem muitas possibilidades de leitura dos termos enunciado/enunciação; entretanto, esses termos só ostentam relevo quando relacionados a outros termos ou conceitos. Para Ducrot (1972, p. 291), pode haver uma aproximação convincente entre a frase e o enunciado:

[...] a “língua” pode ser, nas linhas anteriores, apresentada como um conjunto de frases ou enunciados, pois a própria noção de frase ou de enunciado é uma construção (não se observa uma frase, mas apenas uma ocorrência de frase) e alguns linguistas esperam poder, a partir dela, contribuir para a explicação dos fatos da linguagem observados na vida cotidiana.

Dessa forma, o linguista pode tomar como observável o enunciado, manifestação particular, e não a frase, uma vez que esta não passa de uma intervenção da gramática. Entende-se por enunciação o acontecimento em que há o aparecimento histórico/momentâneo de um enunciado. Ademais, outros estudos foram desencadeados num intuito de se explicar a natureza do enunciado e, em muitos desses casos, o enunciado foi descrito como uma espécie de texto.

Além do trabalho realizado por Ducrot (1972), outros estudiosos se destacaram por desenvolver estudos referentes à linguagem que envolvessem enunciado/enunciação; dentre eles, vale destacar a presença de Bakhtin (1997a), que concebe a linguagem a partir de um ponto de vista histórico, cultural e social, incluindo, assim, em sua concepção, os sujeitos e os discursos que os atravessam.

Para Brait (2005), o que Bakhtin (1997a) faz é instituir uma teoria enunciativo-discursiva da linguagem, propondo reflexões sobre enunciado e enunciação que não se encontram prontas e acabadas, mas que buscam sentido e vão sendo construídas ao longo de discussões que estão em diversas obras do autor e dos demais membros do chamado Círculo de Bakhtin.

Os termos enunciado, enunciado concreto e enunciação estão intimamente relacionados à palavra, evento e discurso verbal, isso porque um enunciado existe a partir do momento em que se percebe uma situação extraverbal envolvida no verbal. Essa situação extraverbal não deve ser compreendida como algo externo ao enunciado, mas como uma parte constitutiva do mesmo.

Ao se falar em enunciado/enunciação, devem-se levar em conta algumas particularidades, tais como: locutor e interlocutor inseridos em contextos afins, como ambiente, sentimentos, situações, de modo a interagir no processo comunicativo. Além disso, o enunciado concreto, anteriormente mencionado, equivale aqui à idéia de palavra, texto e/ou discurso e pode ser caracterizado apenas no processo de interação verbal. Como se pode observar nessa abordagem de Brait (1997, p. 97):

Essa “avaliação social”, conceito retomado em vários outros momentos do conjunto das obras do autor, reitera a ideia de particularidade da situação em que se dá um enunciado, envolvendo uma atividade que poderíamos traduzir como “competência avaliativa e interpretativa de sujeitos em processo interativo”, ou mais simplesmente, o julgamento da situação que interfere na organização do enunciado e que, justamente por isso, deixa no produto enunciado as marcas do processo de enunciação.

Nota-se que o estudo da enunciação acontece de forma significativa em Bakhtin, que leva em conta sua dimensão social e interativa e suas ligações com enunciações anteriores e posteriores.

Em *Estética da Criação Verbal*, Bakhtin (2003) trata da questão enunciado/enunciado concreto/enunciação como forma de elucidar o conceito de gêneros do discurso. O estudo do enunciado e dos gêneros é de grande importância para o campo da linguística. Para Bakhtin (1997a, p. 132), toda “palavra usada na fala real possui não apenas tema e significação [...], mas também um acento de valor apreciativo, isto é, [...] um conteúdo objetivo [...] pela fala viva, [...] determinado.”

Bakhtin (2003) mostra que o acento apreciativo, dependendo da entonação, dá um traço de novos sentidos à palavra, podendo construir, assim, ironias. Não despreza, no entanto, a importância do estudo de palavras e orações:

O estudo da natureza dos enunciados e dos gêneros discursivos é segundo nos parece, de importância fundamental para superar as concepções simplificadas da vida do discurso, do chamado “fluxo discursivo”, da comunicação, etc., daquelas concepções que ainda dominam a nossa linguística. Além do mais, o estudo do enunciado com unidade real da comunicação discursiva permitirá compreender de modo mais correto a natureza das unidades da língua (enquanto sistema) – as palavras e orações. (p. 269).

Em suma, pode-se dizer, sob a perspectiva bakhtiniana, que a enunciação implica marcadores culturais, sociais, históricos e linguísticos.

1 Algumas palavras

Segundo Bakhtin, podem-se perceber, no enunciado, vozes diferentes que estabelecem entre si relações dialógicas. O enunciado é uma unidade discursiva, pois se constrói a partir do já-dito ligando-se, igualmente, ao não-dito (memória discursiva) e aos enunciados que serão ainda ditos posteriormente. Por essas características, o enunciado não pode ser estudado a partir de uma simples abordagem linguística.

Conforme está explícito no título deste trabalho, para trilhar o percurso Bakhtin/AD será necessário colocar em discussão as noções bakhtinianas, contrastando-as com as desenvolvidas pela Teoria da Enunciação e pela Análise do Discurso. Desse modo, viajaremos pela noção de polifonia de Ducrot, que possibilita a ocorrência de valores antagônicos associados a sujeitos diferentes no bojo de um mesmo enunciado; aportaremos, ademais,

nas noções de enunciado dividido de Courtine, que permitem que diferentes sujeitos históricos instaurem diferenças, divergências, antagonismos no seio de um enunciado discursivo, permitindo que se faça notar o discurso-outro no discurso do sujeito. Contrastando-se a Bakhtin, pode-se dizer que não se trata de relações entre enunciados, mas de relações internas ao enunciado.

Quando pensamos em relações dialógicas, em dialogia pensamos em Bakhtin – este conceito é discutido em toda a sua obra, no sentido de outras vozes presentes no discurso de alguém, isto é, vozes de outros. O conceito de dialogia está intrinsecamente ligado ao conceito de polifonia, também discutido por Ducrot.

Vamos voltar no tempo. Se lembrarmos dos postulados teóricos de Saussure em seu *Curso de Linguística Geral* e interpretarmos Bakhtin, veremos que o autor, apesar de aceitar a linguística saussureana, opõe-se firmemente às suas famosas dicotomias, principalmente àquela que silencia a fala, considerando a língua como sistema e separando-a, fortemente, do pragmático e do discursivo. A consequência desse corte estabelecido por Saussure foi uma teoria que provoca a exclusão do sujeito e de suas marcas espaço-temporais, bem como as variantes individuais, entendidas como descartáveis. O sujeito desse objeto ficou, então, com suas marcas discursivas apagadas, assim como se tornaram impossíveis, também, o processo de significação e o deslocamento de sentido.

2 Uma pequena discussão

Após essa abordagem, iniciaremos a discussão proposta com a questão do enunciado e a dialogia bakhtiniana. Vejamos, primeiramente, o que Bakhtin pensa sobre o enunciado, haja vista que esse procedimento nos vai encaminhar à produção mais contemporânea da AD.

Bakhtin (1988), em seus estudos, destaca a construção híbrida que, segundo “(...) índices gramaticais (sintáticos), pertence a um único falante, mas, onde, na realidade, estão confundidos dois enunciados, dois modos de falar, dois estilos, duas ‘linguagens’, duas perspectivas semânticas e axiológicas...”. Para o autor:

Entre esses enunciados..., não há nenhuma fronteira formal, composicional e sintática: a divisão das vozes e das linguagens ocorre nos limites de um único conjunto sintático, frequentemente nos limites de uma proposição simples... (p. 110)

Em outras palavras, o que o pensador russo explicita é que, para ele, o enunciado é a unidade discursiva por meio da qual é possível vislumbrar diferentes vozes que estabelecem entre si relações dialógicas. Ele afirma que o discurso do outro possui uma expressão dupla: a sua própria e a do enunciado que o acolhe. Lembra, entretanto, que não é somente aos elos que o precedem e sucedem que se liga o enunciado, o qual se elabora em função da certeza de uma resposta. Por isso, o papel dos outros é importante para o enunciado que se elabora. Já se delineia, em Bakhtin, a noção de *antecipação* tal como a Análise do Discurso a concebe, nas formulações de Michel Pêcheux (1975).

Há, porém, uma distinção que o autor faz questão de ressaltar. Para ele, a relação dialógica só é possível entre enunciados concluídos, proferidos por locutores distintos.

Nesse ponto entram em acordo Bakhtin e Pêcheux: o discurso pode ser pensado como um objeto linguístico, com a condição de que seja entendido como não inteiramente linguístico (INDURSKY, 1997).

Bakhtin (1981) exemplifica a questão com duas frases, que designam de juízos de valores: *a vida é boa e a vida não é boa*. Apesar de serem revestidas de um conteúdo concreto-semântico determinado, entre elas há certa relação lógica – uma é a negação da outra. Entretanto, entre elas não existe e nunca poderá existir uma relação dialógica, pois não há uma discussão compartilhada. Para que isso aconteça é necessário que elas saiam do âmbito da descrição linguística e se materializem pelo viés de uma atividade de linguagem. Só assim, como uma tese e uma antítese, elas podem unir-se em um enunciado produzido por um sujeito que expresse uma posição dialética em relação a um dado problema, ou seja, para que isso aconteça é necessário que elas se dividam em enunciados distintos, proferidos por sujeitos diferentes.

Assim, conclui-se que a voz individual só se faz ouvir ao integrar-se ao coro complexo de outras vozes já presentes. No interior desse contraste de vozes instaura-se a dialogia, conforme postula Bakhtin.

Uma vez discutida a noção de dialogia em Bakhtin, propomos uma reflexão sobre relação existente entre ela e a noção de polifonia, de Ducrot. As teorias de Bakhtin e Ducrot são tidas por muitos como absolutamente contraditórias. Esse não é nosso posicionamento: defendemos que dentre os muitos pesquisadores contemporâneos que desenvolvem os princípios bakhtinianos, o trabalho de Ducrot merece destaque. Oswald Ducrot contraria o pressuposto básico bakhtiniano de que a linguística não é capaz de dar conta da dialogia e desenvolve uma série de princípios e noções para uma abordagem linguística da polifonia, dando continuidade à reflexão bakhtiniana sobre a dialogia.

Sua primeira tentativa de discussão da polifonia ocorre num capítulo denominado *Analyses de textes et linguistique de l'enonciation*, de seu livro *Les mots du discours*. Nele, Ducrot (1980) distingue *locutor* de *enunciador*. Locutor é aquele que produz o enunciado no momento da enunciação e por ele se responsabiliza, fato que provoca uma coincidência entre locutor e falante empírico, pois ambos são designados pelas marcas da primeira pessoa. Entretanto, nem sempre pode ser considerado como autor do discurso, pois pode incorporar ao seu enunciado falas de outros locutores. Assim, para distinguir o locutor das outras vozes que possam aparecer em seu discurso, Ducrot introduz o conceito de *enunciador*, que define como aquele a quem é atribuída a responsabilidade dos atos ilocutórios veiculados pelo enunciado do locutor (1980). A esse par, associa-se um segundo – *alocutário/destinatário*. A enunciação produzida pelo locutor dirige-se a um *alocutário*, que é representado pelas marcas da segunda pessoa, enquanto o destinatário é a pessoa a quem os atos ilocutórios produzidos pelo enunciador se destinam.

Na mesma obra, o autor introduz o conceito de *interpretação polifônica* quando o ato ilocutório de asserção é atribuído a um personagem diferente do locutor (DUCROT, 1980). Percebe-se, então, que a polifonia se estabelece com base no desdobramento da figura

do locutor em outras figuras enunciativas, podendo, assim, tornar audíveis outras vozes através da sua. Nesses termos, é possível afirmar que “uma enunciação é polifônica se ela se apresenta como sendo, entre outras coisas, a realização de um ato de fala cujo autor – o enunciador – não se identifica ao locutor da enunciação” (ANSCOMBRE e DUCROT, 1983, p. 131).

Em obra posterior, Ducrot refaz a figura do locutor, fragmentando-a mais ainda, de modo que *o locutor enquanto tal* (L), responsável pelo enunciado e *o locutor enquanto ser do mundo* (l) são ambos constituídos no enunciado e, portanto, seres do discurso. A identificação de (l) só é possível através de (L) (DUCROT, 1987, p. 188).

O autor retoma, também, a concepção de *enunciador*, reformulando-a. Neste aspecto, muda o fato de que as vozes veiculadas pela enunciação não mais são realizadoras de atos ilocutórios. Elas veiculam, através da enunciação, diferentes pontos de vista que o locutor organiza para com eles identificar-se ou para opor-se-lhes (DUCROT, 1980, p. 193 e 202).

A formulação polifônica da enunciação de Ducrot conduz ao afastamento da concepção unicista da figura enunciativa do locutor, tal como foi concebida por Benveniste. Para melhor contrastar seus estudos com os de Ducrot, destacamos o fato de o autor ter resgatado o sujeito. Em seu artigo Estrutura das relações de pessoa no verbo, Benveniste (1966) mostra que a língua possui formas que possibilitam que alguém se assuma como locutor ao se apropriar da linguagem. Assim, o EU funda sua subjetividade, pois podendo dizer-se EU, pode dizer TU ao outro, constituído, por esse viés, em seu interlocutor. EU e TU, dessa forma, designam os seres enquanto personagens do diálogo. Ou seja, Benveniste recupera as duas figuras enunciativas que sustentam uma visão dialógica de língua. Em seu artigo O aparelho formal da enunciação, Benveniste afirma que:

[...] antes da enunciação, a língua é possibilidade de língua. Após a enunciação, a língua é efetuada em uma instância de discurso, que emana de um locutor, atinge um ouvinte e suscita uma outra enunciação como retorno. (1976, p. 81)

Entretanto, o autor concebe o sujeito como uma figura plenamente centrada, que está longe de fragmentar-se, tal como ocorreu no trabalho de Ducrot. Ao comentar a célebre afirmação de Rimbaud, *eu é um outro*, o autor afirma que o poeta francês fornece a expressão típica do que é especificamente a alienação mental, onde o ego está destituído de sua identidade constitutiva. Dessa forma, pode-se pensar que a concepção de sujeito, em Benveniste, é unicista, enquanto, para Ducrot, é fragmentária. Isso permite fazer uma comparação entre os dois teóricos. A dialogia, em Benveniste, configura-se como uma troca constante entre um *EU* e um *TU*, instaurando a intersubjetividade. Já para Ducrot, a dialogia institui-se pela possibilidade do sujeito fragmentar-se entre *locutor e enunciador*, e veicular tanto a voz do outro como a própria voz no bojo de seu enunciado.

Resumindo tal comparação, Benveniste recupera o sujeito e seu interlocutor para os estudos da linguagem, delineando uma perspectiva semântica de língua. Já Ducrot, ao cindir a figura do sujeito entre as figuras enunciativas de locutor e enunciador, produz uma perspectiva dialógica de língua.

Foi Ducrot, portanto, que promoveu um avanço considerável no entendimento do processo de interlocução, pois, com o desdobramento que faz possibilita a análise, no interior de um único enunciado, do que Bakhtin pensava ser possível apenas na relação entre enunciados, conforme vimos anteriormente. Além disso, com tal perspectiva, Ducrot ainda confirma a possibilidade de encontrar, no interior de um único enunciado, ‘a voz do outro’, ‘vozes diferentes’, ‘vozes em confronto’ e consegue mostrar, numa dimensão semântica da língua, um sujeito não-unicista, além de admitir o sentido dialógico, heterogêneo ou polifônico dos enunciados. Segundo Ducrot (1980, p. 47), a noção de polifonia faz aparecer “o caráter constitutivo da alteridade na atividade languageira”. Desse modo, Ducrot considera o dialogismo como princípio constitutivo da linguagem e do sentido dos enunciados. Nessa perspectiva, a língua abriga o sujeito e o outro, assumindo um caráter eminentemente dialógico.

3 As contribuições

Além de introduzirem efetivamente o princípio bakhtiniano de dialogismo nos estudos da linguística atual, os estudos de Ducrot tiveram, também, a influência da interlocução teórica estabelecida com a Análise do Discurso, que concebeu um sujeito descentrado e histórico, dividido em torno de diferentes posições-sujeito, determinadas historicamente (cf. PÊCHEUX, 1988 e COURTINE, 1981).

Tais idéias tiveram desdobramentos e refletiram na Análise do Discurso, como é praticada hoje. Pensemos um pouco nisso.

A perspectiva assumida por Pêcheux em sua Teoria do Discurso aproxima-se bastante da concepção dialógica de discurso postulada por Bakhtin. Além dessa teoria, o conceito bakhtiniano aproxima-se também de toda a produção teórica sobre o discurso que se lhe seguiu e que o toma como objeto de estudo. Deve-se considerar, entretanto que, nesses trabalhos, concebe-se uma perspectiva não-subjetiva da enunciação, em que o sujeito não é o centro do discurso por ter sido descentrado tanto pela interpelação ideológica (que o entende desde sempre já afetado por uma formação ideológica) como pelo fato de ser um sujeito dotado de inconsciente, isto é, um sujeito que é interpelado ideologicamente, mas não reconhece o fato e pensa, aliás, crê que é o dono e única fonte de seu dizer.

Daí a diferença entre as duas teorias: apesar de Bakhtin admitir que o signo é ideológico e que a linguagem é social, para ele:

O signo e a situação social estão indissolivelmente ligados. Ora, todo signo é ideológico (...) A palavra é o signo ideológico por excelência: ela registra as menores variações das relações sociais, mas isso não vale somente para os sistemas ideológicos constituídos, já que a ‘ideologia do cotidiano’, que se exprime na vida corrente, é o cadinho onde se formam e se renovam as ideologias constituídas (BAKHTIN, 1997a, p. 16).

Sua teoria concebe, portanto, um sujeito que não é interpelado ideologicamente e é consciente das escolhas que estabelece. Este é o fato que distingue seu sujeito do sujeito da Análise do Discurso.

A AD, concebida pela teoria de Pêcheux, não considera o sujeito como centro da interlocução que passa, por sua vez, a ser considerada não mais centrada no EU nem no TU de Benveniste, mas no intervalo criado entre ambos. Assim descentrado, o sujeito cinde-se, torna-se uma posição-sujeito entre outras que decompõem a forma-sujeito, o sujeito histórico que organiza o saber de uma FD – Formação Discursiva, fazendo soar em seu discurso o *já-dito* em outro lugar (PÊCHEUX, 1975, p. 99), abrindo lugar para o discurso do outro no interior de seu discurso. Só esse fato já estabelece crucialmente uma distinção entre os estudos de Ducrot e os discursivistas.

Ora, se num enunciado linguístico já se encontram marcas de polifonia, imagine-se o que ocorre com os estudos discursivos. Courtine (1981, p. 82) realiza estudos sobre o *enunciado dividido* que veicula posições-sujeito ideologicamente antagônicas, próprias de formações discursivas diferentes em um mesmo discurso. Na realidade, a grande diferença que existe entre a proposição de Ducrot e as de Courtine é que o primeiro cinde a figura do sujeito em *locutor e enunciator*, pois o locutor se identifica com um enunciator e se antagoniza com o outro, enquanto o segundo mostra que um enunciado pode ser compartilhado por diferentes posições-sujeito, que remetem a diferentes formas de identificação com a ideologia. Ducrot nunca associou a identificação ou o antagonismo entre enunciadores a relações que extrapolam o linguístico e residem no ideológico. Courtine, porém, mostra que as diferentes posições-sujeito presentes no enunciado são oriundas de diferentes posicionamentos ideológicos. Resumindo-se o que foi dito, os enunciadores ducrotianos não são interpelados ideologicamente, enquanto as posições-sujeito de Courtine o são.

Courtine, portanto, concebe um enunciado em um esquema geral que governa a repetibilidade no interior de uma rede de formulações, que ele considera como conjunto estratificado, isto é, não-sintagmatizado, de formulações possíveis do enunciado. Desse modo, os enunciados articulam-se entre si, no interior dessa rede, restabelecendo os elementos de saber da Formação Discursiva em que estão inseridos. Esse fato direciona a uma concepção interdiscursiva do enunciado, onde os objetos se formam como *pré-construídos*. Nesse sentido, “no nível do interdiscurso, existe um espaço de parafraseagem discursiva, no qual é possível tanto valores semelhantes quanto valores antagônicos associados ao mesmo enunciado discursivo” (COURTINE, 1982, p. 252).

A Análise do Discurso, portanto, assume uma perspectiva não-subjetiva da enunciação, em que o centro do discurso não é constituído pelo sujeito. Este, descentrado, cinde-se em diversas posições-sujeito que fazem soar em seu discurso o *já-dito*, proveniente do interdiscurso (PÊCHEUX, 1975), abrindo espaço para o discurso-outro no interior do discurso de um sujeito.

Vejamos o exemplo: *A hora de descanso foi suprimida* e *A hora de descanso está suspensa temporariamente*. Vamos analisar os enunciados para mostrar o funcionamento do *enunciado dividido* de Courtine, contrastando-o com a análise polifônica de Ducrot e, por isso, iniciando as reflexões com uma análise ducrotiana.

A hora de descanso não foi suprimida, mas encontra-se suspensa, de acordo com a Portaria tal, da diretoria da empresa...

Parece-nos evidente que essa sequência constitui-se num *enunciado negativo* que, por si só, aponta para a *negação polêmica*. Esta indica que há dois enunciadores que expressam pontos de vista divergentes sobre a supressão da hora de descanso:

Ponto de vista de E¹: A hora de descanso foi suprimida

Ponto de vista de E²: A hora de descanso está suspensa...

São dois pontos de vista divergentes, onde o locutor do enunciado identifica-se como E², em oposição a E¹, que afirma que *A hora de descanso foi suprimida*. Seu ponto de vista é mobilizado pelo que Ducrot chama de operador argumentativo *não*. Desse modo, o locutor lembra o ponto de vista de E¹ – *A hora de descanso foi suprimida* – para refutá-lo – *A hora de descanso não foi suprimida*. A seguir, utilizando outro operador argumentativo, mas, reorienta sua argumentação em direção ao outro ponto de vista, defendido por E², com o qual se identifica: *A hora de descanso está suspensa*. Esta é a análise que os postulados de Ducrot sustentam.

Vejam, agora, como se realiza a análise dos mesmos enunciados, segundo as postulações de Courtine e veremos que estamos diante do enunciado dividido. Há dois sujeitos distintos que interpretam diferentemente a supressão da hora de descanso, a partir de seu lugar social (FD):

Posição-sujeito 1: A hora de descanso não foi extinta (FD¹).

A hora de descanso está suspensa...(FD²)

Posição-sujeito 2: A hora de descanso foi extinta (FD¹)

A hora de descanso foi suprimida (FD²)

A posição-sujeito 1 remete àqueles que partilham de um ato autoritário e desumano da empresa X, que se inscrevem na Formação Discursiva 1, favoráveis à extinção da hora de descanso. Já a posição-sujeito 2 remete a FD², que se opõe a FD¹. Em FD² inscrevem-se aqueles que se opõem ao autoritarismo desumano da empresa X.

Este é um enunciado dividido: *A hora de descanso está extinta*. São duas posições-sujeito que o interpretam, de acordo com os lugares discursivos que ocupam: para uns, *extinta* significa *suspensa*. Para outros, *extinção* significa *supressão*. Ele divide-se, como se observa, em duas Formações Discursivas distintas, ou seja, o que pode ser dito em FD¹ não pode ser dito em FD². Vale dizer que o enunciado “*A hora de descanso está extinta*” divide-se entre dois sentidos ideologicamente antagônicos, em que o sujeito de FD¹ interpreta a extinção da hora de descanso como sua supressão, o que significa dizer que o direito do trabalhador foi suprimido, e implantou-se um sistema desumano de trabalho. Não há outra leitura possível para tal extinção, a partir desse lugar social.

Já o sujeito de FD², a partir de sua posição-sujeito, precisa interpretar a extinção da hora de descanso como sua supressão, pois não convém de seu lugar social, admitir que tenha sido extinta. Admitir tal fato seria admitir que a atitude da empresa tivesse sido desumana, fato que o sujeito desse discurso nunca admitiria. Vê-se que o enunciado, portanto, está dividido, pois há duas posições-sujeito que se antagonizam ideologicamente. Por isso, enunciado dividido, pois geram sentidos opostos. Podemos concluir, assim, que há, realmente, uma identificação contrastiva ou antagônica em:

(FD¹) *A hora de descanso foi suprimida.*
e
(FD²) *A hora de descanso está suspensa.*

Pela instauração do confronto ideológico na sua materialidade discursiva, percebe-se que se trata de vozes provenientes de diferentes FDs que, pelo viés do enunciado dividido, estabelecem verdadeiros embates entre si.

Desse modo, por meio da noção de enunciado, como postulada pela Análise do Discurso, é possível examinar a dialogia discursivamente no âmbito de um único enunciado que, por ser dividido, possibilita que várias vozes dialoguem, que se instaurem ressonâncias, que se façam ouvir divergências, constituindo aí uma verdadeira interlocução discursiva, que faz soar constitutivamente o *discurso-outro* no discurso do sujeito de um discurso. E há, ainda, a possibilidade de outra análise, que é uma segunda modalidade de enunciado dividido, onde as posições-sujeito inscrevem-se em FD iguais¹.

Considerações finais

Se compararmos as análises, inicialmente ducrotianas e subsequentemente sob o enfoque de Courtine, vemos que a primeira traz para dentro do enunciado linguístico as reflexões bakhtinianas, dando-lhes uma aparência de argumentação na língua. A outra considera a presença de diferentes vozes ideologicamente distintas no âmbito de um mesmo enunciado, refletindo sobre elas e suas diferenças do discurso social de modo geral e no discurso político de modo muito específico e pertinente.

Nota-se, assim, que por meio do enunciado dividido, estamos face à interlocução discursiva e à heterogeneidade do discurso, que é a forma que a dialogia assumiu no âmbito dos estudos discursivos. E que a mudança de objeto – da *língua* para o *discurso* – acarreta mudanças radicais na concepção de língua. Estamos em face de uma dimensão discursiva da língua que não só privilegia ao invés da forma o sentido, mas, sobretudo vislumbra a possibilidade de que o sentido sempre possa vir a ser outro, num processo de deslizamento, que se estabelece em função da historização do sujeito do discurso.

REFERÊNCIAS

ANSCOMBRE, J-C. e DUCROT, O. *L'argumentation dans la langue*. Bruxelles: Mardaga, 1983.

BAKHTIN, M. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Trad. P. Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1981.

_____. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. 8. ed. Trad. M. Lahud e Y. F. Vieira. São Paulo: Hucitec, 1997a.

¹Indursky, 1997

- _____. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Trad. P. Bezerra. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997b.
- _____. *Estética da criação verbal*. 4. ed. Trad. P. Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003. (Coleção Biblioteca Universal)
- _____. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. 4. ed. Equipe de tradução do russo Aurora Fornoni Bernadini et al. São Paulo: Hucitec, 1998.
- BENVENISTE, E. *Problèmes de linguistique générale*. Paris: Gallimard, 1966. V. 1.
- _____. *Problèmes de linguistique générale*. Paris: Gallimard, 1976. V. 2.
- BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin, dialogismo e construção do sentido*. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.
- _____. *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2005.
- COURTINE, J.J. Analyse du discours politique. *Langages*, Paris. n. 62, p. 9-127, juin. 1981.
- _____. Définitions d'orientations théoriques et construction de procédures en analyse du discours. *Philosophiques*, v.9, n. 2, p. 239-63, oct. 1982.
- DUCROT, O. *Princípios de semântica linguística: dizer e não dizer*. Trad. C. Vogt et al. São Paulo: Cultrix, 1972.
- _____. *Les mots du discours*. Paris: Minuit, 1980.
- _____. Esboço de uma teoria polifônica da enunciação. In: _____. *O dizer e o dito*. Revisão técnica da tradução Eduardo Guimarães. Campinas: Pontes, 1987. p. 161-218.
- INDURSKY, F. *A fala dos quartéis e as outras vozes*. Campinas: Pontes, 1997.
- JAKOBSON, R. *Linguística e comunicação*. Trad. I. Blikstein e J. P. Paes. São Paulo: Cultrix, 1999.
- PÊCHEUX, M. (1975). Les vérités de la palice. Paris: Mardaga. Trad. Bras. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Trad. E. P. Orlandi et al. Campinas: Editora da UNICAMP, 1988.
- SAUSSURE, F. *Curso de linguística geral*. Trad. A. Chelini, J. P. Paes e I. Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1974.

Recebido em 17/02/2010
Aprovado em 07/04/2010